

Vida de morro é amarga e requer muita paciência

Ângela Tejo

Para viver no morro é preciso ter poderes de um super-homem e fôlego de superatleta. São necessárias ainda três qualidades: paciência, na espera de melhores dias; insistência, para superar os constantes desafios; e persistência, para sobreviver em meio a tantas dificuldades, sofrimentos e discriminações.

Mas, afinal, como é a vida no morro? Bom, isso só sabe quem já sentiu de perto. Os moradores dizem: "Só vivendo aqui para saber". Mas, eles contam um pouquinho de suas histórias. Viver no morro é um reflexo que espelha um misto de várias circunstâncias. A marca de viver à margem de uma sociedade; o desespero por estar desempregado; a amargura por ser discriminado e a revolta pelo morro estar relegado.

E, no meio de tantos entraves e dificuldades, se mistura o fascínio e o encanto. Viver no morro é ter liberdade e se sentir liberto.

Moradores ditam as regras

O morro é o coração malandro da cidade. Lá em cima, quem dita as regras e as normas a serem seguidas são os próprios moradores, que fazem "justiça" com as próprias mãos. "A lei é do cão", avisam os favelados. Para um passo em falso, não há uma segunda chance: a pessoa é "apagada" ou lhe é dada um sumiço. A mira é certa e o cerco fechado está formado. "É melhor eliminar logo a "figura", porque aí temos um problema a menos", contou com frieza uma moradora do morro da Penha, que com seus 19 anos, é temida pela comunidade por ter praticado vários roubos e assassinatos.

Os moradores dos morros, que não se identificam por já estarem no alvo da Polícia, são taxativos ao afirmarem: "A lei do morro é não ver, não ouvir e não falar. Quem fala o que não deve perde a língua". As normas são duras e têm que ser seguidas à risca. "Aqui é proibido roubar os próprios moradores", diz um outro favelado, acrescentando que, além do ladrão

ASO 7639
É a dona Maria, que come arroz, feijão e farinha no almoço, mas que desce as imensas escadarias cantando e equilibrando a bacia na cabeça. É o rapaz que não quer sentir o incômodo de um sapato e anda descalço no chão batido. É o menino que, sem camisa e expondo o seu corpo queimado do sol, corre atrás de uma pipa, pulando sobre os telhados.

No morro falta dinheiro, mas, em compensação, não falta ânimo, um copo de cerveja do lado, muita garganta e calos nas mãos para improvisar um batuque no boteco da esquina e, da batucada, nascer o samba que irá esquentar os tamborins e brilhar no carnaval.

Para viver no morro, tem que ter o chamado "jogo de cintura", para saber entrar e sair bem de qualquer situação, e a perspicácia para sentir, no faro, o perigo se aproximando. Tem que saber conviver com todo tipo de gente — da inocente criança ao perigoso marginal.

até um lugar privilegiado. E o melhor ponto de vista para os belos cartões postais da cidade. Lá de cima, os favelados têm a visão panorâmica de toda a cidade, contracenando os altos prédios e as belas praias com os surrados barracões e a pobreza das favelas.

Os morros, conhecidos como os tradicionais pontos de tráfico de drogas, têm como marca registrada os butiquins. Lá, as pessoas se encontram, contam suas histórias, jogam uma sinuca e se embebedam. Registra-se o convívio com analfabetos, desempregados, subempregados, marginais e os malandros.

Um dos canais para a malandragem é a falta de uma área de lazer. Pelo aspecto geográfico, que dificulta a urbanização, iluminação e área de esportes, muitas crianças descem o morro para brincar lá em baixo, nas ruas da cidade. Surge o "deslumbramento" com as lojas de brinquedos, parques de diversões e praças.

Como o único esporte no morro



No Morro da Penha, a dona de casa supera as suas dificuldades para conseguir água e acesso difícil à sua residência, pela bonita vista

Poder Público não presta assistência

"Aqui no morro a única segurança é Deus e a alegria dos peões é a cachaça". Com esta definição, Maria Aparecida dos Santos conta um pedacinho da história vivida pelos moradores do Morro da Penha. Todos concordam que a vida no morro é difícil, mas não chega ser uma vida de cão, como muitos imaginam. Realmente, o morro está relegado aos últimos planos e não recebe a atenção dos órgãos públicos, mas, quem mora pertinho do céu, dificilmente troca o seu pedacinho de chão de estrelas, como definiu o cantor Sílvio Caldas em sua música, por uma casinha de um ou dois quartos no centro da cidade.

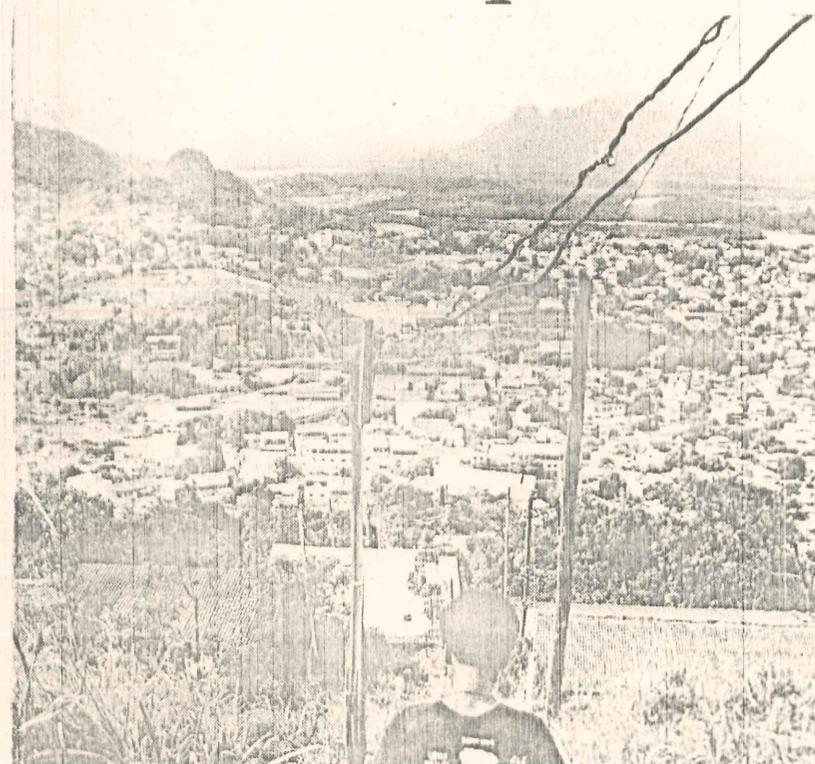
As dificuldades existem — e são muitas — e a vida lá em cima não é nada fácil. A pobreza é demais. "Mas, a gente se acostuma", diz Maria da Penha, que há quatro anos mora no Morro da Penha, em uma localidade considerada até

subir é que são elas. Haja preparo físico, comenta em tom ironizado.

As donas de casa também sofrem. Quando falta água o cenário é sempre o mesmo. Bacia na cabeça e a trouxa de roupa na mão. O equilíbrio nesta hora é fundamental. Um passo em falso, vai tudo rolando ladeira abaixo. E, até isto no morro é motivo de divertimento. A reclamação só é geral quando falta o dinheiro — o que acontece quase sempre.

Tudo no morro tem tom de zombaria, até nos momentos de tristezas. Lúcio Siqueira, um antigo morador, não se incomoda de subir e descer as escadarias várias vezes por dia. "Aqui o que funciona é a viação canela". Critica, em seguida, o projeto prometido pelo governo de construções de ruas e que, "até hoje nunca saiu".

Carlos Roberto da Silva, desempregado, lembra alguns dos acontecimentos. "Se alguém adoec-



no avô da Polícia, são taxativos ao afirmarem: "A lei do morro é não ver, não ouvir e não falar. Quem fala o que não deve perde a língua". As normas são duras e têm que ser seguidas à risca. "Aqui é proibido roubar os próprios moradores", diz um outro favelado, acrescentando que, além do ladrão ser obrigado a devolver o dinheiro, o sumiço é coisa quase certa.

No morro imperam os becos e as favelas, e o local é praticamente desprovido de policiamento. Quando é dada uma "batida geral" ou algum bandido é perseguido, é mais fácil o policial se meter em uma enrascada, do que o próprio marginal ser apanhado. Geralmente, a Polícia se perde em meio aos becos, ou cai em uma emboscada.

Muitas vezes, o policial evita subir nos morros devido aos esquemas montados pelos bandidos, que decretam guerra à Polícia. Antes mesmo dos "homens" iniciarem a subida, os sinais e os códigos de avisos são acionados. A comunicação entre eles, e, inclusive entre os morros, nunca falha. Nesta hora, os revólveres e escopetas já estão engatilhados.

Tudo no morro é questão de costume e, para se viver bem, tem que se habituar a tudo: à miséria, à panela vazia, à bandidagem, aos frequentes perigos e ao descaso dos órgãos públicos. Mas, tudo isso, é muito normal para seus moradores. Em contrapartida, o morro é

zai. Pelo aspecto geográfico, que dificulta a urbanização, iluminação e área de esportes, muitas crianças descem o morro para brincar lá em baixo, nas ruas da cidade. Surge o deslumbramento com as lojas de brinquedos, parques de diversões e praças.

Como o único esporte no morro é descer e subir ladeiras e, qualquer terreno baldio é área de lazer, os meninos que convivem com as diárias brigas familiares e violência, fogem de seu ninho de origem e, carregam toda uma bagagem para se transformar em moleques de rua.

No morro, as diversões dos pequenos meninos são as mais improvisadas possíveis. É a bolinha de gude no chão batido, são as meninas pulando corda, o garoto soltando pipa e, até mesmo, as subidas em árvores e telhados. Karla Pereira, de seis anos, diz que gosta de brincar no morro, mas que sente a falta de parques. O seu balanço é a corda pendurada sobre os galhos da árvore.

Já para os meninos, as diversões ensaiam o pega-pega da polícia-ladrão. Mas, tudo não passa de brincadeiras. "Eu quero ser Polícia quando crescer", diz Paulo César, de oito anos, contando que quando tem tiroteio no morro, ele é o primeiro a correr. A sua preocupação é a de dar segurança à família e, apesar de ter nascido na favela, ressalta que sente mais medo dos ladrões e bandidos do morro do que uma "batida" policial.

As dificuldades existem — e são muitas — e a vida lá em cima não é nada fácil. A pobreza é demais. "Mas, a gente se acostuma", diz Maria da Penha, que há quatro anos mora no Morro da Penha, em uma localidade considerada até privilegiada, por estar próxima à rua principal, onde há maior facilidade de acesso a pequenas mercearias, bares, farmácia, ponto de ônibus, posto de saúde e escola. Segundo ela, até mesmo aqueles que têm os seus barracos no topo do morro, já se acostumaram com as dificuldades e acham tudo normal.

Edson dos Santos, um senhor de 58 anos de idade e que há 36 anos mora no Morro da Penha, já diz que vive no local obrigado. Tendo sofrido um derrame, ele conta que não tem mais forças para subir e descer — umas cinco vezes por dia — as escadas do morro para chegar ao asfalto. Já desacreditado dos órgãos públicos, Edson diz que toda vez que há eleições os políticos fazem suas promessas, mas que elas nunca foram cumpridas. "A única coisa que fizeram foram as escadarias, mesmo assim não estão completas, e a rede de esgoto", informou. Lamentou, porém, o quadro de violência no morro e na rua principal. "Tem de tudo: briga, muita confusão e facadas".

Jocélia Nascimento de Oliveira,



Nos morros, os acessos são difíceis e perigosos em dias de chuva

que mora no morro há 22 anos, comenta que de uns dois anos pra cá, as coisas melhoraram. Ela conta que, além da rede de esgoto e escadaria, foi instalado um posto de saúde e outro policial. Em contrapartida, observa que às vezes falta água por dois a quatro dias. "Mas, em vista do que estava, agora está bom", diz conformada com a situação.

Enquanto os que moram na parte de baixo do morro não sentem na pele as grandes dificuldades, os que moram lá em cima enfrentam o peso nas costas. Francisco Dutra, por exemplo, há mais de 10 anos sente na carne o quanto pesa carregar um butijão de gás ladeira acima. "Quando acaba o gás é uma desgraça. Para descer, até que dá para aguentar, mas, para

subir e descer as escadarias várias vezes por dia. "Aqui o que funciona é a viação canela". Crítica, em seguida, o projeto prometido pelo governo de construções de ruas e que, "até hoje nunca saiu".

Carlos Roberto da Silva, desempregado, relembra alguns dos acontecimentos. "Se alguém adoecer de repente, e o caso for grave, a morte é certa. A clínica mais perto nunca tem vaga". Ele comenta que, quando o paciente ainda consegue andar, a locomoção não é tão difícil, mas que se isto não for possível, "a coisa fica preta e temos que carregar o doente nas costas", apontando o lado bom dos moradores dos morros — o espírito de solidariedade. "Aqui todo mundo ajuda o outro. Já carregamos inclusive doentes em macas".

Apesar de todos os contras da vida no morro, os moradores dizem que não querem sair de lá. "O que tem mais aqui é confusão, mas é tudo muito divertido", afirma Antônio José da Silva. Ele observa que, como a maioria do pessoal vive bêbado, quase não há do que reclamar. Maria Aparecida, no entanto, que mora no morro há 20 anos, não se cala ao criticar. Segundo ela, "quando chove e o vento bate forte, os barracos chegam a balançar. Para marcar uma consulta médica, não há outra saída a não ser madrugar às 3:00 horas. Como não há lazer, os meninos vieram "laláu" e, quando tem algum baile no galpão, só dá vagabundo e mulher da vida".

Tragédia mudou Morro do Macaco

O morro do Macaco não é mais o mesmo. Depois da tragédia que aconteceu em janeiro de 1985, quando vários barracos desabaram em função de deslizamentos de enormes pedras, provocando a morte de mais de 40 pessoas que tiveram seus corpos soterrados, várias famílias deixaram o local. Hoje, o morro está com seu cenário descaracterizado. Na parte alta não há mais barracos, permanecendo alguns poucos na parte de baixo. Por temer novos deslizamentos, nenhuma família arrisca construir edificações no local.

Com medo de fortes chuvas, enxurradas e desmoronamentos, os moradores que tiveram parte de seus barracos afetados se precaveram e, ao invés de construir barracos com tábuas, estão fazendo casas de alvenaria — que lhe dão maior segurança. Passados quase seis anos, os moradores ainda lembram com tristeza a ocorrência.

Rosane Barbosa, que mora no morro do Macaco há mais de dez anos, ainda se diz assombrada pela tragédia, recordando as mortes de muitos conhecidos. Por superstição ou medo, ela não arrisca subir na parte alta do morro, quando

chove ou dá relâmpagos. "Fico assombrada e sinto uma coisa ruim no corpo", conta a moradora.

Não é muito diferente o que acontece com Gerusa Pereira, que também revela o seu medo ao subir no morro à noite. "Tem muita gente enterrada lá em cima e corpos soterrados". Reinaldo da Silva, que mora há 33 anos no morro do Macaco, e assistiu de perto aos desabamentos, informou que muitos dos moradores que gostavam de morar no morro abandonaram o local. O pavor ainda é constante. "Quando dá trovoadas, o pessoal fica aterrorizado", comentou.

A cena mais triste do desabamento ainda está presente na mente dos moradores. "Quando um nenzinho de meses, que estava soterrado, conseguiu ter seu corpo resgatado, todos pensavam que iria encontrá-lo com vida. Mas, ele morreu no braço de um policial, que comovido não conseguiu prender o choro", lembrou Reinaldo.

Ao contrário dos outros morros de Vitória, o que assusta os favelados não são os ladrões e o clima de violência. Pelo contrário, o morro do Macaco é um dos mais tranquilos

Uma das condições para se viver no morro é o preparo físico em forma. É aí que entra o fôlego de atleta. As cenas são sempre as mesmas. É o seu João subindo as escadarias carregando no ombro os quase trinta quilos de um butijão de gás. É a dona Maria descendo a ladeira com a bacia na cabeça e a trouxa de roupas nas mãos. É o velhinho, que no vagaroso passo, desce cambaleando os degraus aos domingos, para assistir à Santa Missa. É a criança, com um largo sorriso no rosto, que vai saltando as escadarias e chutando as pedras, na ânsia de chegar mais depressa lá embaixo, para jogar sua pelada.

Apesar de toda miséria e sofrimento, o morro se apresenta com o seu outro lado solidário. Em caso de doença, os moradores se unem e, dispostos, carregam sem reclamar os doentes em macas. Na sua falta, usam as cadeiras e, até mesmo, carregam-nos nas costas. Viver no morro é fazer uma constante maratona. O campeão do percurso é geralmente quem mora lá em cima, numa distância do acesso ao asfalto de aproximadamente três quilômetros. Sem dúvida, este super-herói percorre no sol e embaixo de chuva cerca de dez quilômetros diários no sobe e

Escadarias são cansativas

Fotos de Gildo Loyola



Maria de Fátima: força de Deus

desce, nos surrados caminhos tortuosos e becos perigosos.

O morro é o símbolo da liberdade. Tudo é muito à vontade. As pequenas crianças brincam nuas próximas aos seus barracos; os rapazes, com todo um aspecto de malandro, penduram a camisa sobre os ombros e dispensam as roupas pesadas, usando geralmente shorts; as meninas correm descalças e, as lavadeiras estão sempre com os lenços amarrados na cabeça. O velhinho senta num banquinho de madeira e, esquecido da vida, fuma o seu cigarrinho de palha.

Maria de Fátima, por exemplo, mãe de cinco filhos, diz que só mesmo Deus quem dá força para enfrentar as dificuldades da vida do morro. "Tudo aqui tem que descer e subir morro", reclama. Em compensação, acentua que, para as crianças, não tem coisa melhor que o morro. "Meus filhos brincam sem roupa, estão sempre sujos, mas pelo menos se sentem felizes pela liberdade". Em seguida, se entristece ao recordar momentos de desespero. "Meu filho de dois anos adoeceu. Fui levá-lo ao Hospital Infantil, na Praia do Canto. Quando voltei, à meia noite, não tinha mais ônibus. Tive que vir andando com o menino no colo por quilômetros e, depois de toda exaustão,

ainda tive que subir as escadarias do morro. Esta subida mata qualquer um", relatou. O pior, segundo ela, é quando chove. Além do lamaçal que é formado, a ladeira vira um sabonete e os tombos e escorregões são frequentes.

Para viver no morro tem de haver muita disposição. A maioria dos favelados não poupam esforços e fazem tudo para "levar um troco". Adriana, por exemplo, de 19 anos, muito conhecida no Morro da Penha pela sua esperteza, é a primeira a correr e oferecer o seu trabalho — que nunca é de graça. Com seus 55 quilos e 1,60 metro de altura, ela vibra quando algum morador constrói um barraco ou acaba o gás de alguma casa.

"Mas, não faço nada de graça. Tudo tem um preço. Se me derem uma merreca, faço qualquer tipo de trabalho", conta a garota. Para carregar um saco de areia de 50 quilos, por exemplo, Adriana cobra Cr\$ 5 mil. "Como que você aguenta o peso, se tem 55 quilos e o saco de areia pesa 50 quilos?", perguntamos. "Coloco o saco na cabeça e subo o morro. O negócio não é força física. É a força de vontade e a necessidade", ensina a menina.